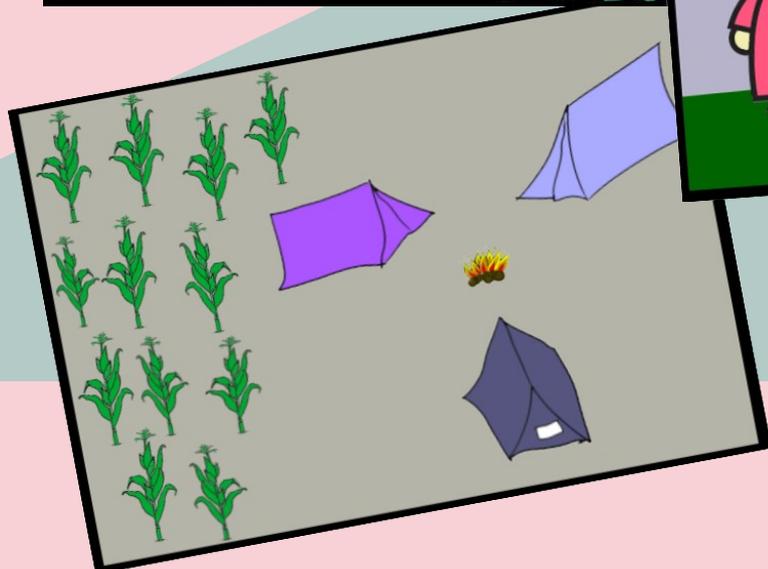
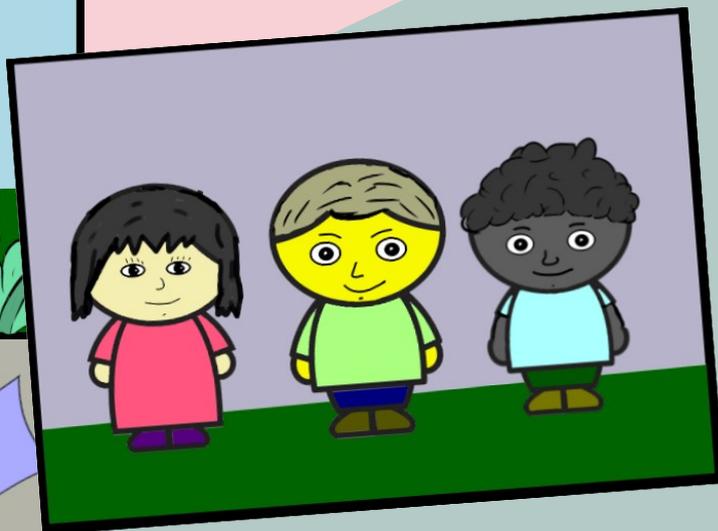
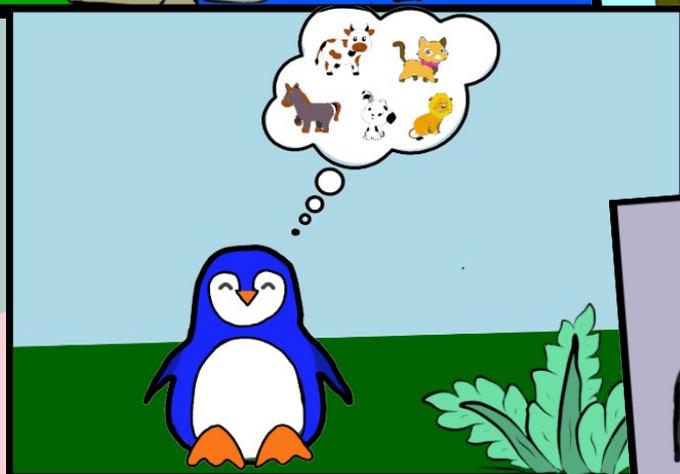
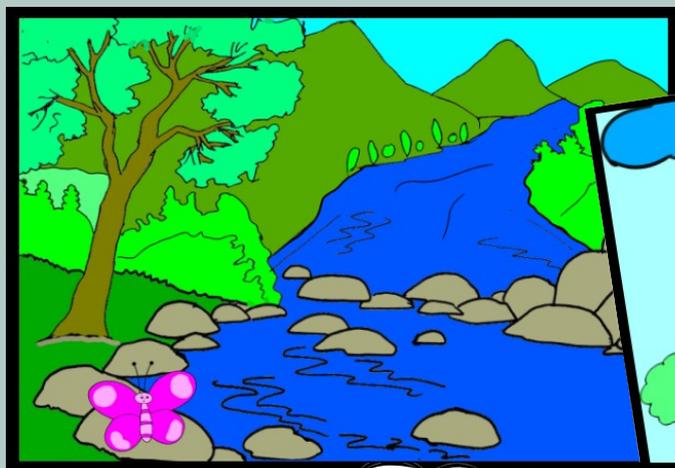


É hora de ler



Eliana Ribeiro Francisco
Geralda F. Lemes Barbosa
Josevania Guia dos Santos
Lúcio Mussi Jr
Rosana Santos

Solange A. de Souza M. dos Santos

É hora de ler

Eliana Ribeiro Francisco
Geralda Ferreira Lemes Barbosa
Josevania Guia dos Santos
Lúcio Mussi Júnior
Rosana Santos
Solange Alves de Souza Marques dos Santos



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Instituto Saber de Ciências Integradas



– Publicação de ebooks
(várias linhas editoriais)
isciweb.com.br/livros



– Publicação de artigos científicos em
Revista Científica Digital Multidisciplinar:
isciweb.com.br/revistas

Conselho editorial:

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior

Editoração e capa: ISCI

Revisão: Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi

Ilustração: Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Esp. Lúcio Mussi Júnior

BARBOSA, Geralda Ferreira Lemes; FRANCISCO, Eliana Ribeiro;
MUSSI, Lúcio Júnior; SANTOS, Josevania Guia dos; SANTOS,
Rosana; SANTOS, Solange Alves de Souza Marques dos.

É hora de ler. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber, 2022.

37 p.

ISBN: 978-65-87333-25-0

1. Infantil I. Título

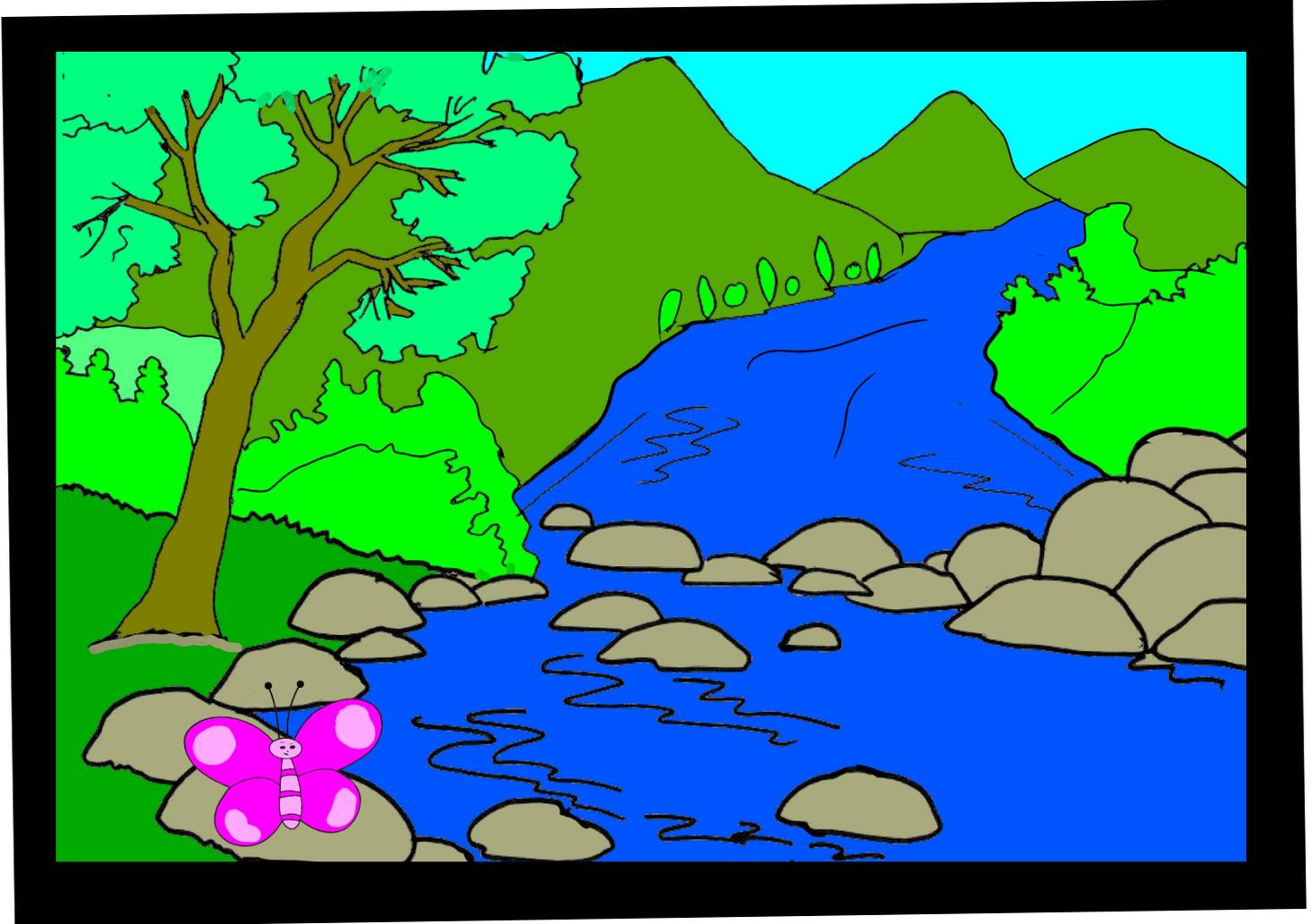
CDD - 028.5

Sumário

A borboleta encantada -----	5
A chaminé embolada -----	13
Caquito, o pinguim -----	21
O monstro do milharal -----	25
Três coleguinhas: Fafá, Fefê e Fifi --	36

A borboleta encantada

Josevania Guia dos Santos
Solange Alves de Souza Marques dos Santos
Rosana Santos



Era uma vez uma menina que se chamava Dorinha, morava na fazenda Sonho Lindo, que ficava bem no pé da serra, era um lugar lindo cheio de flores, rios, um campo lindo, era um verdadeiro paraíso, lá morava ela, seu pai José, a mãe Quitéria e seus irmãos João e Paulo.

Dorinha gostava de passear pelos campos, nadar no rio, andar a cavalo, brincava o dia todo. Certo dia foi brincar no rio e quando estava com uma varinha brincando de pescar ouviu alguém dizer: - Pega um peixinho para mim!

Ela olhou, não viu ninguém e continuou a pescar. Novamente: - Pega um peixinho para mim!

Ela perguntou: - Quem está aí?

A borboleta gentilmente apareceu e se transformou em uma linda menina. - Sou a borboleta encantada, me chamo Lili, e você?

- Sou a Dorinha, prazer em conhecer.

As duas ficaram ali conversando por horas e nem viram o tempo passar, Dorinha se assustou ao perceber que o sol já se punha e disse: - Preciso me apressar para chegar em casa antes do anoitecer, amanhã eu volto.

As duas se despediram e Dorinha saiu correndo e feliz.

Chegando a casa, a sua mãe lhe perguntou: - Filha onde estava todo esse tempo?

- Brincando mamãe, no riacho.

- Você sabe que não gosto que fique até tarde andando na mata, é perigoso minha

filha, lá tem muitos bichos perigosos que podem te atacar.

Dorinha fica pensativa e pergunta: - Que tipo de bico tem lá mamãe?

- Ora, que tipo de bicho filha? Você já se esqueceu da onça que pegou o bezerro caramelo e comeu.

- Verdade mãe, não me recordava mais do ocorrido mais vou tomar cuidado e voltar cedo para casa, assim não corro nenhum perigo.

- Acho bom mesmo.

Dorinha só pensava na sua nova amiga Lili e decidiu contar para seus irmãos. Claro que eles não acreditaram. Disseram que ela estava fantasiando essa história, que era melhor ir dormir, amanhã terá que levantar bem cedo para ir à escola. Dorinha foi para seu quarto deitou na sua cama e não acreditava no que tinha acontecido, claro que seus irmãos não iriam acreditar. Logo ela adormeceu e acordou com sua mãe chamando para levantar. Dorinha não queria acordar e sua mãe disse:

- Vamos filha, precisa tomar banho, o café e ir para a escola.

Dorinha levantou, tomou banho, o café e foi para a escola. Chegou lá e foi correndo contar para Alice o que tinha

acontecido:

- Alice, você não sabe o que aconteceu comigo no riacho!

Alice: - O que?

- Conheci uma borboleta encantada se chamada Lili.

- Como assim, borboleta encantada!

- Isso! Você quer conhecê-la?

- Quero sim.

- Vou perguntar para ela se posso te levar no riacho para conhecê-la.

- Tudo bem estou ansiosa para vê-la.

As duas foram para a aula. Dorinha não via a hora da aula acabar para ir brincar com sua amiga borboleta. As horas passaram e o sino da escola soou, ela despediu de Alice, saiu correndo para encontrar com seus irmãos e irem para casa.

Dorinha estava tão ansiosa que almoçou correndo, foi para o banheiro escovar os dentes. Saiu do banheiro, falou para sua mãe:

- Vou brincar no riacho, mãe!

- Pode ir minha filha, mais cuidado, fica sempre atenta e não deixa escurecer para vir embora.

- Sim mamãe, volto antes de escurecer.

Dorinha sem que ninguém a visse foi a

Cozinha, pegou frutas, doces, suco e pão, colocou em uma sacola e saiu para o riacho enquanto caminhava observava as flores que delas vinham um perfume delicioso. Dorinha gostava de conversar com as plantas, animais e todos os seres, toda feliz Dorinha chegou no riacho e gritou:

- Lili cadê você?

- Não precisa gritar, estou aqui.

As duas se abraçaram e Dorinha disse:

- Olha o que eu trouxe para nós fazermos um piquenique na beira do riacho.

As duas forraram uma bela toalha da sua mãe, colocaram as guloseimas em cima dela e começaram a conversar e comer.

-Lili perguntou:

- Como foi seu dia na escola?

- Foi bem. Posso te contar uma coisa?

- Não resisti e contei para uma amiga que conheci uma borboleta encantada gostaria muito que você a conhecesse.

Lili ficou pensativa e disse:

- Pode trazer ela para me conhecer, se é sua amiga será minha também.

Dorinha estava tão feliz!

- Amanhã vou trazer ela para te conhecer.

Terminam de comer, as duas foram brincar de pega pega, correram, riam muito dos tombos que levavam, pulavam no rio, rolavam na grama, era uma festa.

Dorinha olhou a hora e disse:

- Preciso ir embora, amanhã eu volto.

As duas se despediram e Dorinha se foi.

Lili ficou ali imaginando como seria a casa da sua amiga, queria ir estudar, também ter bastante amigas mas não podia sair dali se não ela morreria e se transformou na mais bela borboleta e voou para sua casa.

Ela tinha bastante amigas. Lili era uma borboleta alegre, divertida, boa, sempre estava ajudando suas amigas.

Dorinha não pode visitar Lili por uma semana, pois a sua mãe havia deixado ela de castigo porque desobedeceu e chegou tarde a casa. Lili sentia a falta da amiga, andava triste pelos cantos, suas amigas estavam preocupadas com Lili. Os dias foram passando e Lili sentia mais a falta da sua amiga. Ela não queria mais comer e nem voar. Em uma manhã as amigas de Lili sentiram sua falta e foram até a casa dela e a encontraram deitada com febre, delirando. Tiveram uma ideia, vamos ter que avisar a Dorinha, assim ela poderá ajudar a nossa amiga, mas como iriam

fazer isso?

Pensaram e decidiram que a borboleta mais nova iria voando até Dorinha e iria trazer ela até a casa da Lili.

A borboleta pronta, voou, voou, até avistar a casa da Dorinha, ela estava encantada com a fazenda, era linda, do alto avistou uma janela aberta e imaginou que seria o quarto da Dorinha, ela estava certa. Ao avistar Dorinha, sentou na janela, depois na mão da Dorinha e ficava voando. Dorinha tentava adivinhar o que estava acontecendo, até que ela imaginou que poderia ser alguma coisa com Lili, pois havia uma semana que não via sua amiga. Ela pulou a janela, pois estava de castigo, e seguiu a borboleta que levou até a casa da Lili. Chegou na casa, entrou e viu sua amiga deitada com muita febre e fraquinha.

- Oi Lili, sou eu a Dorinha, sua amiga.

Lili abriu o olho, deu um sorriso e abraçou-a bem forte. Eu não vim antes porque estou de castigo, mais quando a borboleta Leca foi até meu quarto eu imaginei que podia ter acontecido alguma coisa com você. Prometo que nunca mais vou deixar de vir ver você todos os dias.

A Lili sarou, voltou a ser aquela borboleta linda, feliz, alegre e boa. Voltou a voar com suas amigas e descobriu como é importante a amizade, independente de que seja com um ser humano ou com outra espécie.

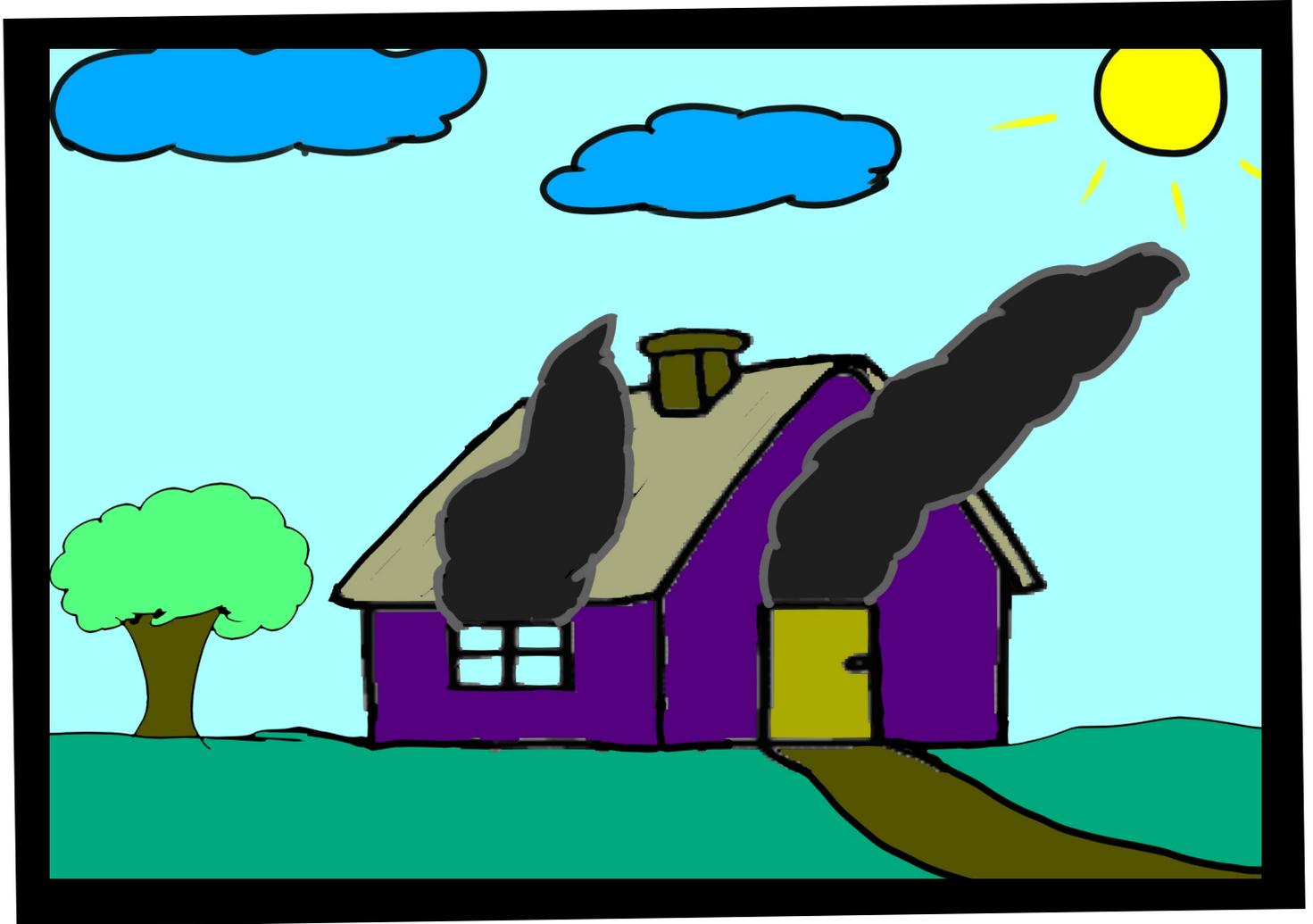
A amizade de Dorinha e Lili era tão linda que curou a Lili que sentia sua falta. Então as duas nunca mais se separaram e viveram felizes com suas amizades.

A chaminé embolada

Solange Alves de Souza Marques dos Santos

Josevania Guia dos Santos

Eliana Ribeiro Francisco



No sopé de uma montanha cujo topo estava envolto em nuvens, a chaminé de uma casinha de barro soltava um ténue fio de fumaça branca. Dentro da casa, sobre o fogão a lenha, uma panela de barro preta crepitava e suportava com bravura a missão de cozinhar alguma coisa.

Uma mulher com um lenço na cabeça andava de um lado a outro na pequena cozinha, incomodada com a fumaça.

"Preciso ver porquê a chaminé está entupida" - Ela resmungou, com as mãos na cintura, olhando para cima e torcendo por um milagre.

Na varanda dois garotos conversavam animadamente, ao lado de uma rede solitária.

Um dos garotos parecia estar contando um sonho. Ele gesticulava muito, e agitava a cabeça, fazendo os cabelos negros e abundantes se agitarem. O outro era sardento e incrivelmente careca. O contraste entre ambos era gritante. Ambos tinham a mesma dezena de anos, mas o careca sardento parecia bem mais jovem.

Enquanto o cabeludo era robusto e vermelho, o seu companheiro era esquálido e levemente amarelo.

- Era um grande jardim. Tinha todas as espécies de pássaros e passarinhos.

- E qual a diferença? - Perguntou o sardento.

- Que diferença?

- Diferença entre pássaros e passarinhos.

- Eu não falei que são diferentes.

O sardento suspirou. Não valia a pena explicar.

- Meninos - ouve-se a mulher gritar lá de dentro - Venham almoçar.

Os dois se entreolharam, desafiantes, e dispararam como bólidos em direção da mulher.

Passaram por ela correndo e assentaram-se no pequeno banco ao lado da mesa, sorridentes.

- Hã ram - exclamou a mulher - Vão lavar as mãos primeiro.

- Eu ouvi alguém falando em almoço?

A porta se abriu e um homem magro adentrou a casa, empunhando um bacamarte a tiracolo.

Os dois garotos se levantaram ao mesmo tempo.

- Papai! - gritaram em uníssono.

- Você matou o urso? - O mais saudável se adiantou na pergunta.

- Claro que não! - O homem se abaixou para abraçar os fedelhos - Ursos não servem de alimento. E nós caçamos para comer.

- Se fosse eu, atirava nele. - O menino sardento parecia decepcionado.

O pai olhou-o com reprovação, mas limitou-se a ficar em silêncio.

- Smirna, você está bem? Parece abatida.

A mulher trouxe as panelas e os pratos para a mesa super limpa.

Levantou o avental até a frente, enxugando-a.

- Você precisa consertar a chaminé. Está entupida de novo.

Os dois garotos se entreolharam, apreensivos, e esse gesto não passou despercebido aos olhos do pai.

Fingindo inocência, ele comentou:

- O filho do Arthur escondeu um filhote de gambá na casa deles. Adivinha onde?

- E olhou um por um dos presentes, esperando a resposta.

- Não sabemos. - Novamente falaram em uníssono: - Onde?

A mulher sentou-se à mesa, e começou a servir os garotos.

- Vocês querem batatas, meninos?

"Batatas" - pensou Carlito, o cabeludo, tamborilando os dedos na mesa e olhando o seu prato ser invadido pelos tubérculos.

- Mãe, as batatas dentro da terra, não sentem falta de ar?

- Claro que não, seu bobo. Elas respiram igualmente aos peixes dentro da água - o sardento, com ar de professor,

explicou para o irmão curioso.

O outro o olhou furioso, tentando intimidá-lo.

- Mamãe - gritou ele, pedindo socorro - Fala pra esse bobalhão...

- As plantas respiram pelas folhas durante a noite. Agora vamos comer em paz. Todos vocês. Sérgio, você vai orar pelo pão hoje.

- Não estou vendo nenhum pão. - Sérgio interrompeu a frase, receoso do olhar do pai.

Lembrou-se que a expressão "o pão na mesa" significa todo o tipo de alimento.

- Pai nosso, que vive nos céus dos céus, te agradecemos hoje pelo arroz, pelo feijão, pela salada...

Ele olhou a panela de barro, de onde subia um aroma delicioso.

- O que é isso, mamãe?

- Guisado de cordeiro, filho. Termine a oração, por favor.

- O que é guisado, mamãe?

O sardento não se conteve.

- É um cozido, moleque. Agora termine a oração.

E com o rostinho meigo, imitando humildade:

- Por favor.

Proferindo algumas palavras a mais, Sérgio terminou a oração.

- Amém! - Responderam todos e o tilintar de pratos e talheres encheu de felicidade a pequena sala.

No fim do dia, o sol despediu-se do vale. Havia terminado a sua missão diária. Amanhã seria um outro dia.

Amanhecia quando os garotos foram despertados pelo ruído da mãe, preparando o desjejum.

Lá fora, as últimas sombras da noite abandonavam o pequeno vale onde jazia a casinha de barro.

Os matizes de sol misturados de amarelo e vermelho pintavam o horizonte.

Smirna abriu a janela e olhou o marido. Ele tinha um sorriso nos lábios.

- Descobri o mistério da chaminé. Ela está embolada.

- Como assim, embolada?

- Traga os meninos para fora.

A mulher acordou os garotos e levou-os para o exterior da residência. O quintal sem muros era o próprio infinito.

- Venham ver o nascer do sol. - Disse ela, de mãos dadas com eles.

De cima da casa veio um grito de júbilo.

- Achei!

Os três olharam para cima e os garotos prenderam a respiração, assustados.

Geovano, de cima da casa, chutou uma bola enegrecida pela fumaça, e desceu pela escada improvisada.

- Agora vamos conversar - disse ele olhando os dois filhos - Como vocês tiveram essa ideia ridícula?

- Nós queríamos saber como funcionava a fumaça com a bola - gaguejou Sérgio, todo compenetrado.

- É mesmo. Foi uma aposta que fizemos. Eu disse que a chaminé ia explodir.

- Nunca mais façam isso, entenderam? Por isso vão ficar de castigo por um bom tempo

A mãe levou-os para dentro.

- Agora vão para a escola.

- Mãe, quanto tempo dura um bom tempo? - Perguntou Sérgio, preocupado.

- O suficiente para vocês aprenderem a não entupir minha chaminé.

O dia transcorreu calmamente, e a mulher dentro de casa respirava feliz.

Sérgio e Henrique olhavam a chaminé que fora embolada e riam divertidamente.

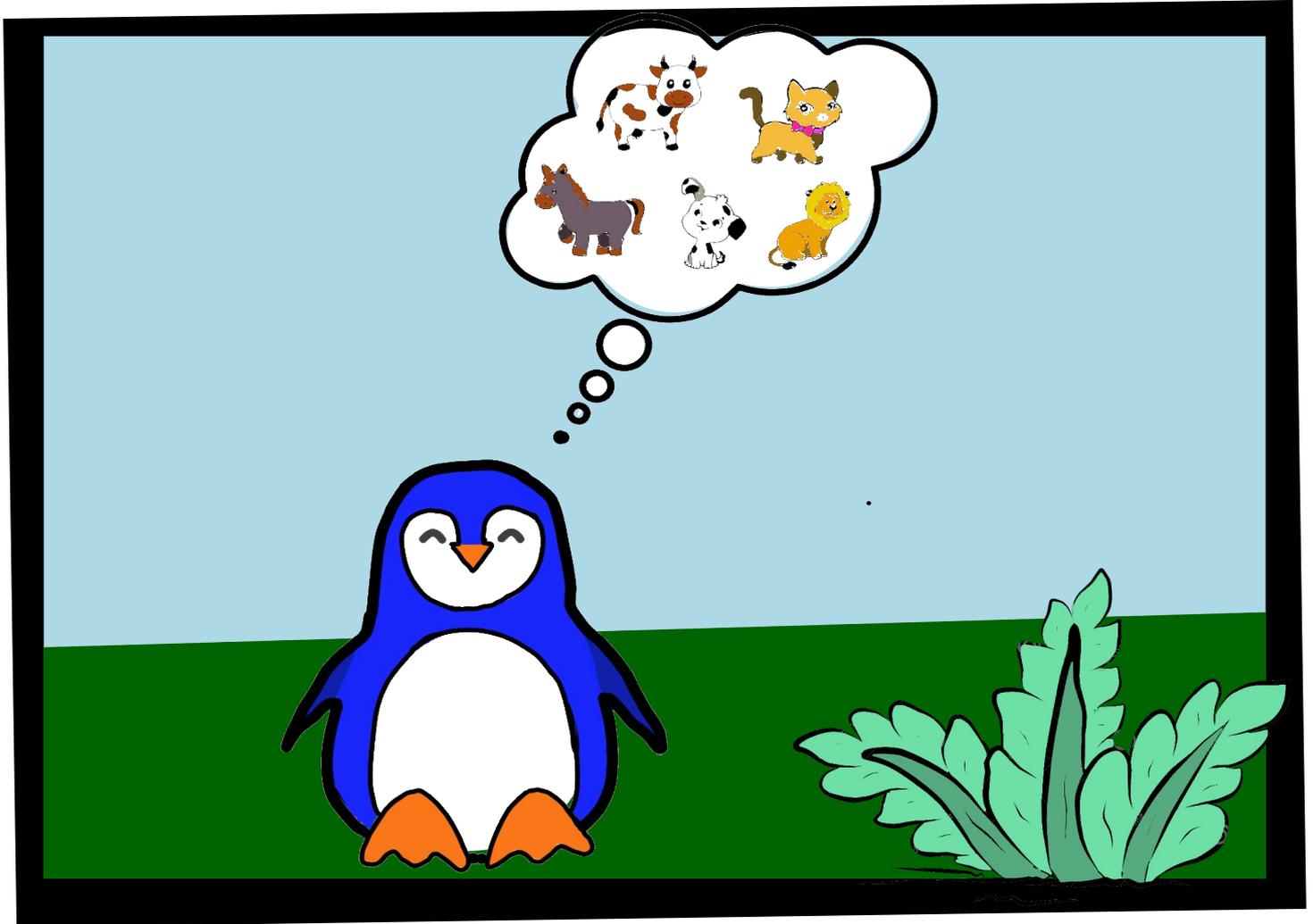
- Precisamos descobrir alguma coisa para pesquisarmos - repetia o sardento.

- Eu descobri onde a mamãe guarda as coisas dela.

E assim, eles partiram para o próximo episódio.

Caquito, o pinguim

Geralda Ferreira Lemes Barbosa



Caquito era um pinguim bem alegre e feliz, quando o sol aparecia gostava de imitar os sons dos animais!

Então, miava como se fosse um gato; miau, miau, miau...

Latia como um cachorrinho; au, au, au...

Mugia como se fosse uma vaquinha; moo, moo, moo...

Imitava até o cavalo relinchando; iirrrrí, rilinchin e o Rei Leão da Floresta rugindo; roar, grrr...

Há...! O Caquito era mesmo muito engraçado!

Tentou por várias vezes imitar a mula relinchando; ióóóó... ióóóó, a onça esturrando; grrr, roar, a ovelha berrando; méééé e até a pantera rosnando grrr, roar.....

Caquito com sua beleza atraía a todos que o viam e isso o deixava ainda mais contente, até que certa manhã teve uma ideia que pra ele seria a mais legal entre todas que já teve; a de conhecer de perto um jacaré e um hipopótamo para aprender os seus sons para imitá-los também, mas o coitado do Caquito ao se aproximar dos animais ficou com tanto medo do olhar do jacaré e do tamanho do Hipopótamo que saiu correndo e muito assustado!

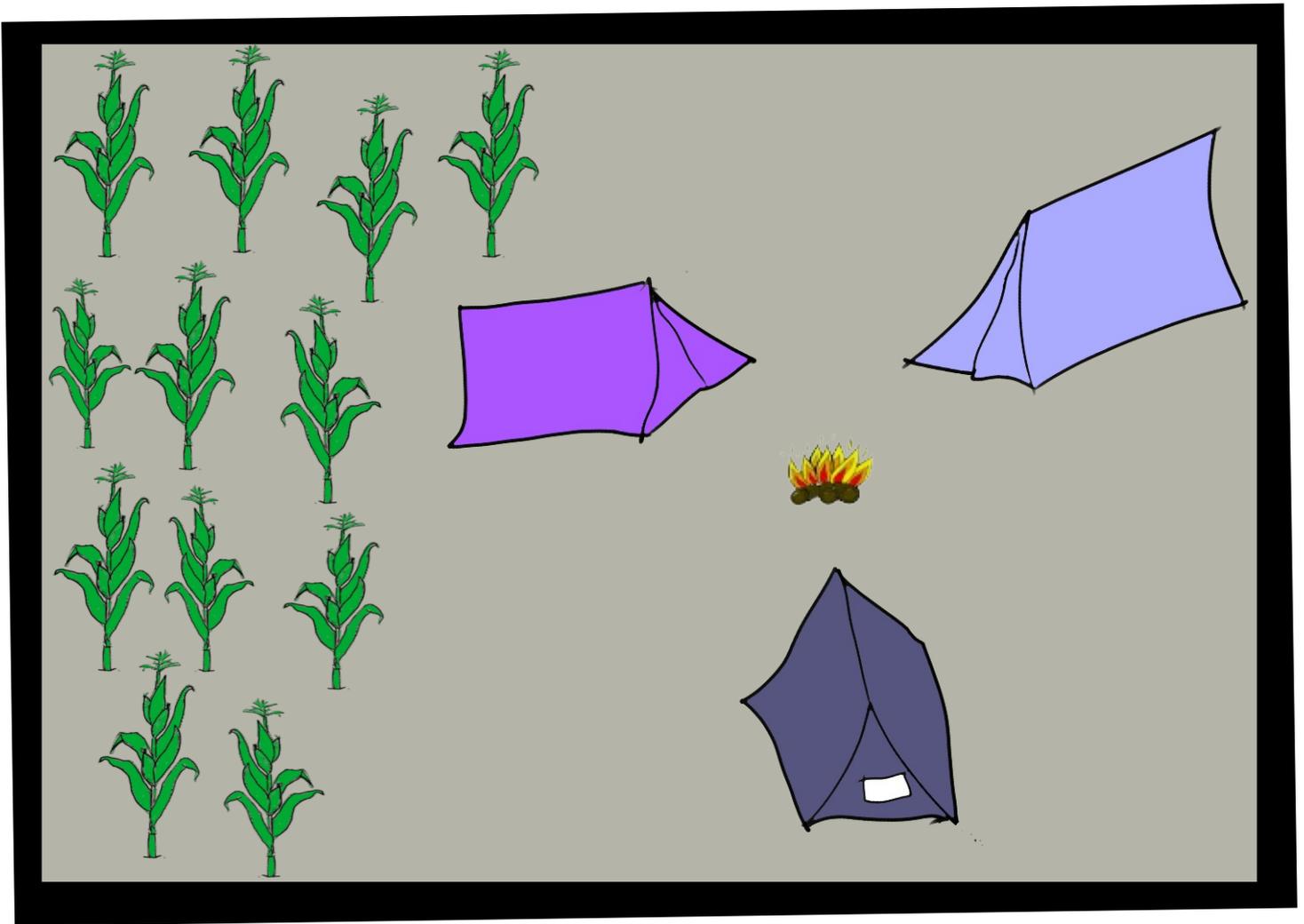
Quando, sem menos esperar, ouviu um grunhir e um bramir bem distantes, então parou, ficou ouvindo os barulhos e descobriu que era o grunhir do hipopótamo; roonn roonn e o bramir do jacaré; roar, rooor.

Agora o Caquito tinha mais dois novos sons para imitar.

E assim Caquito continuava por todos os dias imitando o som dos animais, muito contente, feliz e brincalhão!

O monstro do milharal

Lúcio Mussi Júnior



Alexandro, ou Alex, como prefere ser chamado, é um garoto bem ativo que adora brincar e gosta muito de novidades. Ele mora com seus pais em um bairro movimentado de uma cidade bem grande.

Sua casa, ou melhor, seu apartamento, fica no terceiro andar de um predinho residencial. E se você imaginou o pequeno Alex subindo longas escadarias para chegar à porta de seu lar... Sim, você estava certa! O predinho não tem elevador.

E falando em pequenos prédios residenciais sem elevadores, imagine o quanto deve ser difícil para fazer a mudança. Levar geladeira, sofá e todos os outros móveis pesados através de escadas até o apartamento, lá no alto.

Bom, na verdade, as escadarias eram a parte de que Alex mais gostava. Ops! Me enganei. Ele gosta mais do parquinho e da quadra poliesportiva do condomínio. Assim, na preferência do garoto, após estes dois itens, vinham as escadarias.

- Exercício físico!

Dizia ele sobre as escadas.

No apartamento, Alex se sentia preso e falava:

- Aqui, a gente fica igual passarinho preso na gaiola.

- Mãe! Olha pela janela, dá para ver a floresta e a plantação lá longe. Bem longe. E a gente aqui. Sem poder voar.

- Não seja dramático, meu filho, nós humanos nem podemos voar. - Disse a mãe.

- Não é isso, mamãe! - Continuou o garoto. - Olha lá quanto espaço, a natureza, os bichos, até rio tem... E nós estamos aqui presos, sem poder aproveitar nada disso.

Então a mãe complementou: - Você pode brincar no parquinho quando quiser e, além do mais, de vez enquanto a gente vai no sítio do tio Paulo. Lá, você sempre aproveita todo esse tão sonhado espaço com o primo Paulinho e as outras crianças da vizinhança. Essa história de passarinho preso não se aplica a você.

Mas o discurso da mãe não adiantava muito. O garoto gostava mesmo é de estar em meio à natureza, com espaço para correr, árvores para subir, frutas colhidas na hora para comer, entre outras diversões que ele sempre arrumava no campo.

Tio Paulo, morava em um sítio, não muito longe da cidade, dava uns 40 minutos de carro. É certo que poderia ser mais rápido, mas até sair da cidade pegava-se, costumeiramente, um engarrafamento danado que, em feriados prolongados, podia levar o tempo de trajeto para uma hora e meia, ou mais.

Alex ia de van para o colégio. Estudava cedo, embora gostasse de acordar tarde. A condução parava em frente ao prédio às 6:30, mais ou menos, e, caso o garoto não estivesse na portaria, ficava.

- Eu tenho horário para estar na escola e não posso ficar esperando menino preguiçoso.

Explicava o motorista.

Antes do meio-dia a condução deixava o garoto na portaria do prédio e, só ia embora depois que o porteiro colocava Alex para dentro.

- Questão de segurança. - Dizia o motorista. - São crianças, tenho que estregar só para pessoas autorizadas.

Certo dia, a mãe de Alex tentava acordá-lo para ir à escola:

- Filho, acorda! - Falava ela enquanto o afagava. - Já é hora de se levantar para ir estudar. Seu café está na mesa. Seu pai e eu temos que sair para trabalhar.

- Não, mamãe! - Resmungou o garoto virando para o outro lado na cama. - Eu quero dormir mais, estou com sono, muito sono...

Então a mãe reclamou: - No sítio você sempre acorda cedinho para brincar, já aqui, sempre está com preguiça de ir para a escola. Isto não está certo! E, além do mais, já é sexta-feira, o último dia de aula da semana. Amanhã vamos no sítio do tio Paulo. Ele está com uma roça de milho verde no ponto de fazer pamonha.

- Nós podemos acampar? - Perguntou o garoto, já se empolgando.

A mãe respondeu: - Podemos, mas agora você precisa se arrumar para a aula.

Como promessa é dívida, principalmente se for feita à uma criança, sábado de manhã, munidos de barraca e colchões de ar, a família seguia rumo ao sítio. Alex estava radiante!

- Então nós vamos passar a noite acampados perto do rio? - Perguntou ele.

- Não sei ainda. - Explicava o pai. - Temos que falar com seu tio e saber dele qual o melhor lugar para esse tipo de coisa. A natureza é muito bela, mas também esconde perigos que costumam andar de noite.

- Como assim? - Perguntou Alex, todo curioso.

- Bom... - Começou o pai. - No mato existem bichos, alguns inofensivos, outros venenosos, também tem os peçonhentos, os que podem transmitir doenças e os que podem querer devorar você inteiro, se estiverem com fome.

- Mas venenoso e peçonhento não é a mesma coisa? - Perguntou o garoto.

- Não! - Disse o pai, taxativo. - Quando dizemos que um animal é venenoso, é porque ele possui veneno, como alguns sapos, por exemplo. Mas ele não injeta esse veneno nos outros animais ou nas pessoas. É preciso que você pegue o bicho ou o coma para sofrer a ação do veneno. Já

os animais peçonhentos são aqueles que, como as cobras, por exemplo, injetam o veneno quando atacam. Assim, você não precisa pegar uma cobra ou comê-la, basta se aproximar que ela te ataca, pica e injeta o veneno em seu organismo.

- Parece perigoso! - Indagou o menino.
- Mas, quanto a fantasmas e monstros? Não tem?

- Fantasmas e monstros não existem. - Falou o pai com a firmeza que os adultos sabem ter.

O garoto fez uma expressão de chateado e resmungou.

- Mas essa seria a parte mais interessante... Floresta, rio, noite, fogueira e monstros...

- Poderemos ter todos esses itens, com exceção dos monstros. - Completou a mãe.

Era por volta de nove horas quando chegaram. O tio, a tia, o primo e mais uma meia dúzia de crianças da vizinhança esperavam com ansiedade. Alex estava radiante, cumprimentou os tios e já foi correndo para brincar com as crianças.

Na hora do almoço estavam Alex, pai, mãe, primo, tio e tia estavam reunidos à mesa da grande varanda que havia na casa. As crianças vizinhas tinham ido cada uma para sua casa. O garoto aproveitou a

oportunidade junto com os adultos para tratar dos detalhes do tão sonhado acampamento.

- Onde podemos acampar? - Perguntou Alex.

O tio respondeu prontamente. - Tem uma pequena clareira que fica entre um dos talhões de milho e o rio. Uma estradinha leva até ela, por isso podemos ir com os carros levando facilmente tudo de que precisamos. Lá também tem uma grande e velha árvore. É um lugar perfeito para colocar seu plano em prática.

O garoto sorriu com grande satisfação. - Tem monstros lá? - Perguntou.

A tia se apressou em responder. - Não há monstros e nem fantasmas nestas redondezas. Aqui é uma terra abençoada por Deus, essas coisas passam longe daqui.

O tio assentiu com a cabeça. Alex ficou um pouco desapontado e acrescentou. - Eu queria que tivesse pelo menos um monstrinho.

- Essa parte ficaremos devendo. - Respondeu o tio.

O fato é que, com ou sem monstro, haveria acampamento. Isso já bastava.

No início da noite, os adultos arrumaram as coisas necessárias. Tratava-se de barracas, lenha para a fogueira, comida, bebida, milho e queijo para assar na fogueira. Além de todo o resto que se podia precisar em um acampamento.

A ideia era chegar ao local ainda de dia, a tempo de brincar no rio antes que a noite caísse.

Os planos foram cumpridos à risca e Alex ficou muito feliz de poder entrar na água. Era um rio pequeno e manso, muito bom para nadar e brincar, sem que se corresse risco algum.

Enquanto o sol se despedia, as barracas foram montadas. Uma para o tio e a tia, outra para o pai e a mãe e, mais uma para os dois garotos. As três barracas formando um grande círculo com as portas voltas para a fogueira, ao centro.

A fogueira também foi acesa e, quando a noite chegou, era a única fonte de luz, além das lanternas. A lua não apareceu, deixando a noite completamente escura. Se houvesse monstro naquela região, certamente apareceria.

Todos comeram o quanto quiseram, conversaram e brincaram até não aguentar mais de sono e, então, foram para as barracas descansar.

Alex e seu primo dormiram assim que se deitaram, dividindo a barraca, cada um em seu colchão de ar, sentiram-se como se estivessem em um palácio.

Já era madrugada quando um barulho estranho vindo do milharal fez Alex despertar. Ele abriu um pedacinho do zíper da janela localizada no fundo da barraca para tentar entender do que se tratava. Lá fora, via os vultos escuros dos pés de milho naquela noite sem lua. A fogueira também já havia se apagado. Tudo contribuía para a formação de um cenário sombrio e assustador. O barulho estranho continuava e parecia que alguns pés de milho estavam balançando. Digo parecia, já que o escuro era tão denso que apenas vultos eram vistos.

O garoto ficou bastante assustado, queria tanto ver um monstro, mas agora que parecia que ele estava ali, tudo perdera a graça e o medo era o principal componente daquele pedaço de noite.

Alex sacudiu o primo dizendo: - Paulinho, acorda! Tem um monstro no milharal atrás da nossa barraca.

- Manda ele ir dormir! - Ordenou Paulinho sem a menor vontade de acordar.

- É sério! É um monstro e está vindo para cá. - Insistiu o garoto.

Paulinho finalmente acordou e os dois foram para a janela na parte de traz da barraca. O barulho parecia cada vez mais intenso e mais próximo. Agora já era possível ouvir o som de pés de milho sendo quebrados.

- Vou clarear com a lanterna. - Falou Alex.

- Você ficou louco? - Perguntou Paulinho, já continuando. - A luz só vai atrair o bicho até aqui.

- Não é bicho. É monstro. - Retrucou Alex.

- Bicho, monstro, fantasma. É tudo a mesma coisa. - Explicou Paulinho.

Naquele momento já não importava o nome da coisa, a questão era que, fosse lá o que fosse, estava vindo em direção à barraca. Os dois começaram a gritar desesperadamente. Todo mundo acordou e, em um instante, já estavam todos os adultos fora de suas barracas apontando suas lanternas para o milharal na direção do barulho. Os garotos continuavam dentro da barraca, observando pela fresta da pequena janela.

Com o claro das lanternas ficou evidente a grande movimentação nos pés de milho, mostrando um trajeto retilíneo que ia direto ao acampamento. Os ruídos eram

cada vez mais altos e assustadores. Os dois garotos gritavam como loucos.

Foi então que, em meio ao desespero geral, a criatura finalmente sai do meio do milharal. Com sua pelagem completamente negra, chifres curtos e levemente curvados e um olhar dócil. O monstro reconhece o tio Paulo e vai em sua direção.

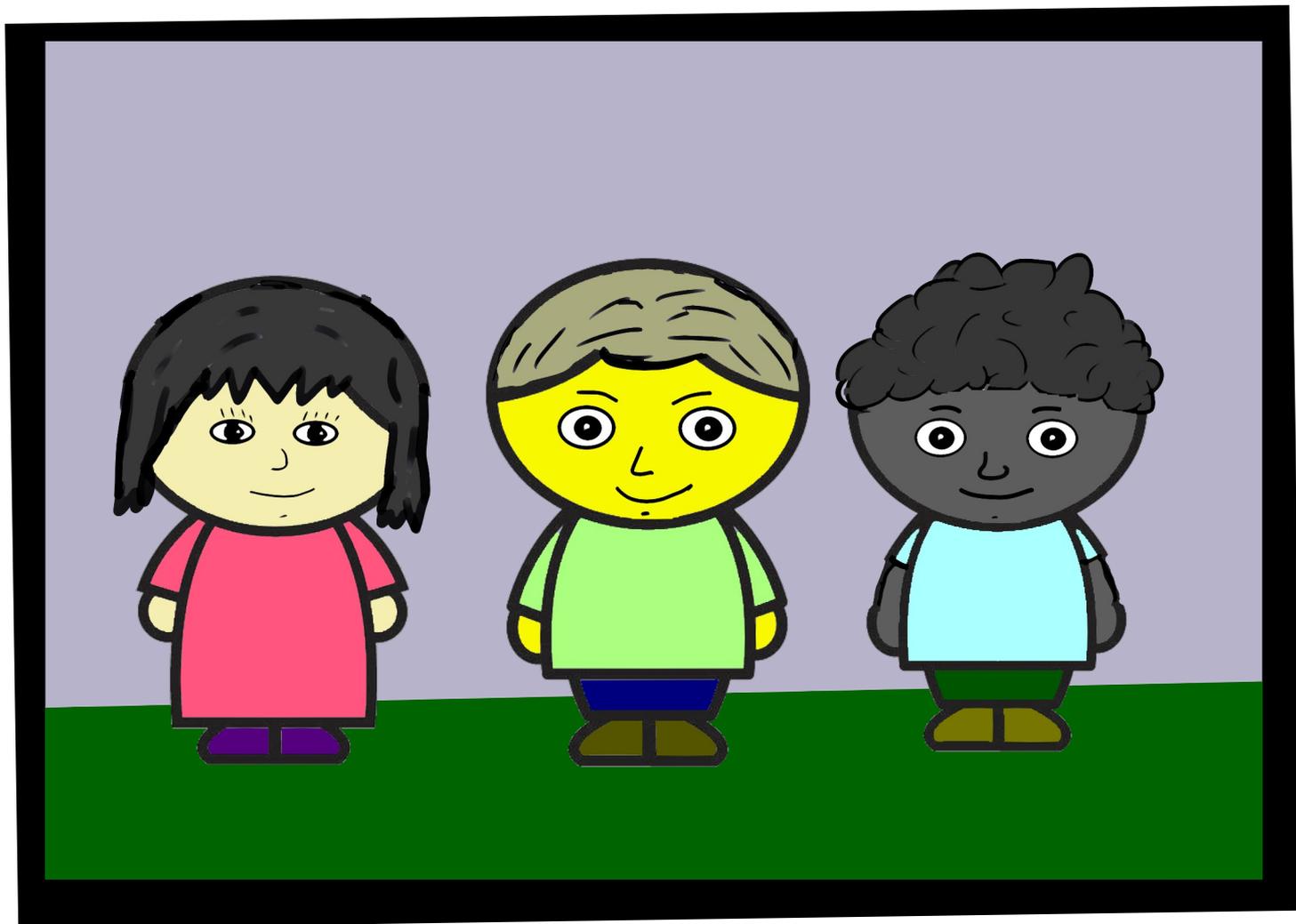
Todos começam a rir ao perceber que se tratava de Tuffi, um boi muito velho e muito manso que vivia ali no sítio.

- Ele deve ter fugido do pasto e entrado na roça de milho para comer algumas espigas. - Explicou o tio Paulo.

Agora, o difícil era parar de rir da situação e voltar para cama. E com a ajuda de Tuffi, o acampamento de Alex estava completo, até com a visita inusitada de um monstro, quase, de verdade.

Três coleguinhas: Fafá, Fefê e Fifi

Geralda Ferreira Lemes Barbosa



Eram três coleguinhas que amavam conversar e brincar juntos! Certo dia eles começaram a discutir sobre quais frutas mais gostavam.

Fafá disse que gostava mais de melancia e laranja.

Fefê disse que gostava de morango e abacaxi e que estava com muita vontade de saboreá-las.

Fifí então disse:

- Gosto de todas as frutas! Todas são saudáveis; abacate, limão para uma boa limonada, pêsego, maracujá, melão, uva, manga, enfim, todas as frutas são importantes para a nossa saúde!

Fafá olhando para Fefê disse:

- Bem que minha mamãe sempre me incentivou a comer todos os tipos de frutas!

Fefê concordando com Fafá respondeu: Minha mamãe também diz a mesma coisa!

Até a professora, Fafá, ensina a importância de todas as frutas para a saúde, então é melhor concordarmos com Fifí!

Depois dessa conversa entre os três coleguinhas, compreenderam que todas as frutas são essenciais para a saúde.

E para vocês crianças, qual ou quais a/as frutas preferida/as?

ISBN 978-658733325-0



9

786587

333250